

ALTERIDADE PRIVILEGIADA: OS CONFRONTOS ENTRE BRASILEIROS E ARGENTINOS NA IMPRENSA CARIOCA

Tiago Lisboa Bartholo

CAP-UFRJ- CNPq

Antonio Jorge Gonçalves Soares

UGF-UFRJ- PROTEORIA-CNPq

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar a construção do nacionalismo e de estereótipos culturais sobre o “ser brasileiro” a partir do confronto com a Seleção Argentina de futebol. Analisamos reportagens e colunas de opinião do jornal *Correio da Manhã* e do *Jornal dos Sports* em três confrontos na Copa Roca (1939, 1940 e 1945). A narrativa sobre o “estilo nacional” não aparece de forma explícita nas colunas dos articulistas, mas divide espaço com uma narrativa que prega a modernização dos métodos de treinamento e gestão das equipes. Projetos de “Brisis” atravessam os debates nos confrontos futebolísticos, ora em oposição ora em conciliação.

Palabras-chave: Futebol, Identidade, Brasil, Argentina

ABSTRACT

This article’s objective is to analyze the construction of nationalism and cultural stereotypes of the “Brazilian” starting from the matches with the Argentina National Soccer team. The empirical material is the reports of *Jornal Correio da Manhã* and *Jornal dos Sports* in three Copa Roca’s tournament (1939, 1940 e 1945). The narrative of the “beautiful game” does not appear clearly in the reports, but divides spaces with a narrative that preaches the modernization of the training methods of the teams. Projects of “Brazils” cross the debates in the soccer games: sometimes in opposition, sometimes in conciliation.

Key-words: Football, Identity, Brazil, Argentina

RESUME

El objetivo del artículo es analizar la construcción del nacionalismo y estereotipos culturales relacionados a “ser brasileiro” a partir de los enfrentamientos con la selección Argentina de fútbol. Analizamos reportajes y columnas de opinión de los diarios *Correio da Manhã* y *Jornal dos Sports* en tres enfrentamientos de la Copa Roca (1939, 1940 y 1945). La narrativa sobre el “estilo nacional” no aparece de forma explícita en las columnas, pero divide espacio con una narrativa que proclama la modernización de los métodos de entrenamiento y gestión de los equipos. Proyectos de “Brisis” atraviesan los debates en los enfrentamientos futbolísticos, tanto en oposición como en conciliación.

Palabras-claves: Fútbol, Identidad, Brasil, Argentina

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos os dados da pesquisa realizada nos anos de 2005 e 2006, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na Biblioteca do Estado do Rio de Janeiro, sobre os confrontos futebolísticos entre as seleções do Brasil e da Argentina.¹ Analisamos três torneios da Copa Roca (1939, 1940, 1945), totalizando nove jogos. Nessas disputas fica evidente a

¹ Conferir Bartholo (2007).

superioridade dos argentinos nos dois primeiros encontros e a “revanche” brasileira na disputa de 1945. Os argumentos e as racionalizações construídos pelos *especialistas* para analisar as derrotas e a posterior vitória do selecionado brasileiro ilustram tensões que extrapolam a questão do esporte.

Foram observados dois jornais cariocas, a saber: jornal Correio da Manhã e Jornal dos Sports. A coleta das reportagens tomou como referência o dia da realização do jogo e o dia posterior. Esse critério visou observar como se deu a promoção do evento e como foi noticiado o resultado do jogo. O material foi analisado a partir de três categorias teóricas: 1) a tensão entre “continuidade” e “modernidade”; 2) o “autocontrole” e o “descontrole”, que dialogam com a hierarquia cultural na América do Sul; e 3) o sentimento patriótico ou de pertencimento ao Estado-Nação.

Os jogos de futebol e outros esportes no período analisado fornecem a base para a formação de uma multiplicidade de discursos identitários. Tais discursos refletem negociações e disputas, no esporte e fora dele, de modo que podemos afirmar que o espetáculo é apropriado pelos atores sociais de forma diversa. O estudo aborda particularmente o discurso que destaca a identidade nacional ou a construção da alteridade do Estado-Nação. Nesse sentido, as narrativas sobre o “estilo nacional” ou as “escolas de futebol” destacam-se na demarcação da diferença a partir do discurso que identifica um uso distinto do corpo.

O processo de identificação do “nacional” é uma modalidade de distinção “nós”/“eles”, baseada na diferença de costumes que exclui e inclui simultaneamente. “A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação” (Cucho, 1999, p. 183).

Argentina e Brasil construíram, ao longo de décadas de prática futebolística, narrativas sobre um “estilo” ou “escola de futebol” que tem no “europeu” ou no “britânico” um “outro” privilegiado. O “outro”, neste caso, é descrito como disciplinado, forte e metódico. Argentinos e brasileiros seriam artistas criativos, mestres da dissimulação, cujo ápice durante o jogo se expressaria no drible ou *gambeta*. A partir desse quadro observa-se a elaboração de oposições estruturais que irão nortear as construções simbólicas sobre o futebol e o povo. São eles: habilidade *versus* força; liberdade *versus* disciplina; e “dom” *versus* esforço/treino. Podemos dizer que brasileiros e argentinos ao valorarem seu estilo de jogo diante do “outro” europeu estruturaram as construções simbólicas sobre o futebol e o povo de forma semelhante.

O “outro” europeu para os atores sociais no início do século XX limitava-se à figura do inglês. A distinção parece óbvia na medida em que os ingleses – criadores do jogo – tornaram-se referência do bom futebol. Deste modo, o estágio de desenvolvimento do *football* em qualquer país só podia ser avaliado se comparado ao futebol “inglês”. Brasileiros, uruguaios e argentinos, apenas para citar nossos vizinhos sul-americanos, buscaram intercâmbio e promoveram competições contra equipes inglesas para aprenderem e avaliarem o grau de desenvolvimento do esporte em seus respectivos países.

Essa construção de alteridade a partir do “europeu” parece já ter sido mapeada à exaustão por diversos estudos.² Por essa razão, a questão que nos instiga é como se deu essa construção a partir do confronto com os vizinhos sul-americanos?³ Se brasileiros e argentinos afirmam ter um estilo de jogo baseado no drible e na improvisação – antagônico ao estilo inglês – como construir a alteridade diante do “outro” que se “veste igual”? Esta é uma das

² Citamos alguns trabalhos: Guedes (1977; 1998), Soares e Lovisolo (2003), Salvador (2005), Franzine (2003) e Toledo (2002).

³ Essa questão já foi levantada anteriormente por Archetti (2003).

lacunas que o estudo procura trabalhar. A questão é clara: como os jornais e as revistas do Rio de Janeiro exploram a construção do nacionalismo e de estereótipos culturais sobre o “ser brasileiro” a partir do confronto com a Seleção Argentina de futebol?

O debate vem sendo travado na academia, com os trabalhos de Guedes (2006) e Alabarces (2006), que arriscaram aproximações e comparações nas construções acerca das “escolas de futebol” presentes em ambos os países, a partir da bibliografia já estabelecida no campo. Os autores em questão partem para uma análise comparativa entre Brasil e Argentina fundamentados em um “outro” referente comum: o europeu e/ou o inglês. A intenção aqui é dialogar com esses autores com base em novos dados empíricos coletados em jornais do Rio de Janeiro. A diferença fundamental que se apresenta é o fato de os dados terem sido coletados exatamente a partir dos confrontos dos países em questão, gerando uma nova dinâmica na interpretação do material empírico.

1939: A COPA DA DISCÓRDIA

No dia 15 de janeiro de 1939 foi realizada, na cidade do Rio de Janeiro, mais uma edição da Copa Roca. Esse torneio, que em 1914 despertou pouco interesse da imprensa, tornou-se em 25 anos, segundo os jornais cariocas, o evento futebolístico mais relevante do continente (Bartholo, 1997).

Eleger os argentinos os maiores rivais sul-americanos é colocá-los em uma posição de destaque, para pensarmos as construções sobre a identidade do futebol brasileiro. O “estilo de jogo” é visto como revelador de uma corporalidade e/ou gestualidade singular que identifica o “caráter do povo”, portanto, um tipo de moralidade. Os jornais cariocas pareciam eleger os argentinos como um “outro” privilegiado ao analisar aquele estágio de desenvolvimento do futebol brasileiro. Aqui é importante matizar o debate posto. Durante as décadas de 1920 e 1930, Uruguai e Argentina já despontavam como os principais países do continente na geopolítica do futebol mundial.⁴ O Brasil, apesar de alguns bons resultados em campeonatos sul-americanos, não alcançava o mesmo destaque de seus vizinhos em competições importantes. A busca pela afirmação do Brasil como uma das grandes potências futebolísticas do continente só foi reconhecida mais tarde.

A partida foi precedida de uma grande expectativa, potencializada pelo fato de o Brasil não vencer um jogo contra os argentinos há cinco partidas – desde 1923. A esperança da vitória deu lugar à tristeza e ao espanto diante da vitória portenha: 5x1. A pergunta a ser respondida pelos jornalistas brasileiros era: por que “eles” são melhores que “nós”? O que “eles” têm que “nos” falta? A inexistência de um planejamento adequado para preparar os jogadores é destacada, tanto pelo **Correio da Manhã** quanto pelo **Jornal dos Sports**, como elemento decisivo para o resultado desfavorável da equipe brasileira. “O conjunto feito em três meses e que se construiu em oito dias” (**Jornal dos Sports**, 17 jan. 1939, p. 1); “As duas offensivas. A que teve tempo para formar conjunto, marcou cinco tentos. Mas a outra...” (idem, p. 2).

Os jogadores argentinos são descritos como mais técnicos, e os periódicos cariocas apontam o caminho para a vitória: preparação dos jogadores. O “estilo nacional” hoje descrito

⁴ Nos anos de 1924 (Paris, França) e 1928 (Amsterdã, Holanda), o Uruguai conquistou a medalha de ouro na modalidade futebol nos Jogos Olímpicos. Em 1930, o Uruguai sagrou-se o primeiro campeão do mundo de futebol. A Argentina conquistou o segundo lugar nos Jogos Olímpicos de 1928 (Amsterdã, Holanda). Ambos os países supracitados obtiveram visibilidade internacional no mercado do futebol antes do Brasil. Lembremos que a qualidade do futebol naquele período era medida a partir do confronto contra os países europeus.

como baseado na “arte”, na técnica, no drible e no improviso dos jogadores brasileiros não aparece nas páginas dos jornais diante da derrota. Noutra direção, os jornais destacam a necessidade de mais organização e planejamento na formação do time brasileiro. O caminho para a vitória passa pela racionalização no treinamento. Aqui temos essa perspectiva específica no futebol relacionada, de certa forma, ao debate mais global do projeto de desenvolvimento e modernização do país. Pensar o atraso do país estava na pauta pelo menos desde o século XIX, assim, a derrota diante de outro país no esporte fazia aflorar debates sobre o futebol e, por extensão, sobre a nação e a natureza de seu povo.

Chamamos a atenção do leitor para o debate posto neste momento que poderá ser observado durante todos os jogos analisados: qual caminho de desenvolvimento seguir? O primeiro busca um caminho distinto e singular baseado nas potencialidades do povo. O segundo deve basear-se na incorporação do universalismo do modelo civilizatório e cosmopolita. Há nesse caso uma tensão entre dois modelos de Brasil. A preocupação com o Brasil moderno, como bem destaca Ianni (2004, p. 31), está presente de forma indelével na produção intelectual brasileira do século 20. “Multiplicam-se núcleos intelectuais e políticos preocupados com a tradição e a modernidade, procurando explicar o presente, exorcizar o passado e imaginar o futuro.” Sigamos com a análise do torneio, mas não percamos essas imagens que se refletem no espaço do futebol.

O segundo jogo da Copa Roca termina com a vitória brasileira por 3x2. O placar favorável, no entanto, não é o fato mais importante da partida. Uma grande confusão envolvendo todos os 22 jogadores em campo é relatada. A consequência, inclusive com a entrada de policiais no gramado, foi a suspensão da terceira e decisiva partida do torneio. Os argentinos, muito abalados, foram embora do Brasil e recusaram-se a falar sobre o incidente com a imprensa brasileira.

A partir dessa confusão, o **Jornal dos Sports** apresenta o seguinte quadro: de um lado, temos um time inferior tecnicamente, mas que supera suas limitações com muita *“flamma”*, determinação e que, acima de tudo, nunca deixa de ter *“bons princípios dos costumes sportivos”*, mesmo diante das derrotas.⁵ Noutra direção, afirma o jornal, observamos uma seleção de jogadores superiores tecnicamente, porém que não têm internalizadas as normas da *“disciplina”* e do autocontrole que devem guiar o *sportsman*. Vejamos o trecho:

“Campeões da flamma e da disciplina”

Os “cracks” do Brasil bem merecem os lauréis de um duplo triumpho. Porque, si há uma semana passada tombavam, no gramado de São Januário, **subjugados pelo melhor preparo e ocasional superioridade technica do adversário, em nenhuma hypótese, entretanto, deixaram de apagar-se aos bons princípios dos costumes sportivos**, nem mesmo ante o desespero de um revés irremediável. (Jornal dos Sports, 24 jan. 1939, p. 1, grifos nossos)

“A disciplina, acima de tudo”

Contagiu-nos o entusiasmo, a superior vontade de vencer, a flamma, enfim, dos defensores do pavilhão esportivo Brasil.

Mas, onde sentimos todo o esplendor da vibração popular espelhar-se no nosso espírito, foi na conducta disciplinar dos nossos “azes”. Nossos homens souberam, neste particular, manter a mesma conducta de uma semana passada. (Jornal dos Sports, 24 jan. 1939, p. 1, grifos nossos)

⁵ A derrota por goleada na primeira partida da Copa Roca de 1939 é positivada pelo jornal. Os jogadores brasileiros, segundo o *Jornal dos Sports*, apresentavam o mesmo comportamento na vitória ou na derrota. São, em outras palavras, autocontrolados.

“Enquanto isto, que diferença no outro lado!”

E esta é a verdade. Enquanto vocês, lutando como gigantes, iam ao máximo para alcançar ou louros de uma reabilitação, sem jamais perderem a linha, que fazia o adversário? Mesmo com os favores do “placard”, descontrolavam-se. (Jornal dos Sports, 24 jan. 1939, p. 1-4, grifos nossos)

Apesar de longa, a passagem transcrita do jornal é fundamental para pensarmos as construções do jornal brasileiro sobre seu time e seu povo. O “*duplo triumpho*” remete à vitória brasileira na segunda partida (3x2) e ao comportamento dos jogadores “*rectilíneos, tanto na adversidade do score*”. Alabarces (2006), ao utilizar os conceitos de “europeísmo” e “tropicalismo” para pensar as relações entre Argentina e Brasil, afirma que os primeiros teriam uma identificação mais branca e europeísta. Aqui o homem europeu simboliza o ideal de *civilité*, nas palavras de Elias (1993), um indivíduo dotado de autocontrole. No quadro descrito por Alabarces (2006), os argentinos seriam representados hierarquicamente superiores aos vizinhos brasileiros, identificados como não brancos. Os brasileiros diferentes dos portenhos seriam sensuais, emotivos – caracterizações vinculadas à negritude – e alegres. Nos anos de 1930, especificamente nesse jogo, não podemos ler representações nativas na direção que aponta Alabarces. O Brasil parece ser mais complexo justamente pelas tensões em torno das representações de povo.

A passagem transcrita anteriormente pelo **Jornal dos Sports** ao descrever os argentinos como indisciplinados, descontrolados e pouco obedientes às regras do jogo, identifica os brasileiros como o oposto: disciplinados, cordiais e controlados – “*sem jamais perder a linha*”. A vitória esportiva divide espaço com a construção de um dos tipos de moralidade que deve identificar o povo. Aqui está em jogo a afirmação que os brasileiros teriam incorporado o *ethos* do *sportsman*; os argentinos, em contrapartida, não estavam socializados com os mesmos valores. Os conceitos “europeísta” e “tropicalista” engessam as interpretações sobre o fenômeno da identificação no futebol, dificultando a observação da tensão ou dos debates sobre a construção do nacional nesse espaço.

Por último, a expressão “*melhor preparo e ocasional superioridade tecnica*” destaca a necessidade de mudança e o caminho a ser seguido. Esses argumentos ganharão força nos próximos jogos analisados.

COPA ROCA DE 1940: REDENÇÃO OU DESMORALIZAÇÃO?

Um público de aproximadamente 70 mil pessoas assistiu à primeira partida da Copa Roca de 1940, no estádio do San Lorenzo, em Buenos Aires. Placar final: 6x1 para os argentinos. Os periódicos cariocas usam adjetivos como “*mediocre*” e “*desastroso*” para descrever a atuação dos brasileiros. Os atacantes argentinos, segundo o **Jornal dos Sports**, têm “*malícia*” e “*técnica*”.⁶ Reparem que aqui poderíamos interpretar que os “artistas” são os argentinos. Apesar de não encontrar nesse periódico nenhuma descrição clara sobre as “escolas” ou “estilos” de futebol, os adjetivos escolhidos pelos jornais apontam o futebol dos argentinos como mais perto do que se convencionou chamar hoje de “futebol-arte”, oposto ao “futebol-máquina” ou “futebol-força”.

O segundo jogo é visto com muita cautela. Estaríamos às portas de mais uma vexatória goleada? Os jornais gastam linhas explicando o caminho para a vitória que, segundo o **Jornal dos Sports**, passa pela tática defensiva: “Uma tática para abalar a potencialidade ofensiva

⁶ Ver reportagem “A zaga brasileira não se adaptou a tática de zaga cerrada” (*Jornal dos Sports*, 6 mar. 1940, p. 1-4).

argentina” (**Jornal dos Sports**, 10 mar. 1940, p. 1); “Nossos players saberão aproveitar a oportunidade para a reabilitação? Tudo indica que sim, e, para isto, não lhes faltara o apoio distante da torcida” (ibidem).

O Brasil vence um jogo difícil por 3x2, levando a decisão para uma terceira partida. “A marcação perfeita, principal factor para o triumpho brasileiro: annullados Chueco Garcia, por Zezé Procópio, e Masantonio, por Zarzur, o ataque argentino não conseguiu andar de forma capaz” (**Jornal dos Sports**, 12 mar. 1940, p. 1). O jornal parece, nesse instante, criar o seguinte modelo para anunciar a partida decisiva: de um lado, o ataque argentino com a “malícia” e a “técnica” de seus jogadores; de outro, a defesa – de “*marcação perfeita*” – do Brasil. Quem vencerá a terceira e última partida?

Um público estimado em 65 mil pessoas assiste a mais uma goleada do selecionado argentino: 5x1. O treinamento ganha as páginas do jornal **Correio da Manhã**. Diante de tamanha superioridade, o jornal decreta o fim da era da improvisação na preparação da seleção brasileira. “**Adversários, os brasileiros não lançam mão das mesmas armas e teimam em continuar na prática dos fallidos métodos de improvisação e indisciplina**” (**Correio da Manhã**, 19 mar. 1940, p. 6, grifos nossos). Dois pontos são fundamentais nessa passagem: o primeiro destaca que, por trás, ou paralelamente ao jogo de futebol, se tem a narrativa baseada em modelos de desenvolvimento e modernização dos países rivais sul-americanos. O jornal afirma que há a necessidade de mudança, pois os brasileiros “não lançam mãos das mesmas armas”.⁷

Nessas duas derrotas – Copa Roca de 1939 e 1940 – observam-se alguns pontos importantes, destacados sobre o futebol brasileiro e o argentino. O acúmulo de derrotas do lado brasileiro é explicado, nos jornais, pela falta de treinamento e preparação dos jogadores.⁸ Diante de adversários mais técnicos cabe aos brasileiros o caminho da disciplina e esforço nos treinamentos. Concomitantemente a esse quadro divulga-se a descrição que qualifica os argentinos como indisciplinados, descontrolados e pouco obedientes às regras do jogo. O esporte, desde a sua criação nas escolas inglesas, visa à educação moral e física dos jovens. Apesar de derrotados no placar do jogo, os jogadores brasileiros seriam o modelo de *sportsman* a ser seguido.

A “*superior vontade de vencer*” dos brasileiros marca a relação dos jogadores com a pátria. Para os jornais analisados, diante do desafio de defender a nação, os jogadores brasileiros seriam mais obstinados, em outros termos, seriam patriotas. Nesse sentido, os *sportsmen* brasileiros tornam-se modelos para a juventude, que deve ser educada pelo Estado em termos cívicos.

Os jornais indicam, mesmo diante das derrotas, que o futebol brasileiro é superior ao argentino.⁹ Como sustentar essas afirmações contrafactuais? O que parece entrar num jogo de distinções contrastivas é o seguinte: os argentinos são jogadores superiores tecnicamente, mas os brasileiros são, apesar das derrotas, os “verdadeiros” *sportsmen* que enobrecem a pátria

⁷ Destaco que as reportagens não se referem unicamente à preparação da seleção nacional, mas também à gestão dos times no Brasil. O pedido de mudança, portanto, é mais abrangente.

⁸ Para ter uma idéia da superioridade argentina no período analisado, nos últimos 12 jogos foram oito vitórias argentinas – 66,6% – contra apenas duas vitórias do Brasil – 16,6%.

⁹ Veja, por exemplo, a reportagem ‘O Brasil demonstrou ser o leader absoluto do football Sul-Americano’ (**Jornal dos Sports**, 3 fev. 1937, p. 1) após a derrota do selecionado brasileiro por 2x0. Esse jogo foi marcado por uma enorme briga, que acabou com muitos jogadores brasileiros feridos pela polícia argentina. Apesar de derrotados dentro de campo, os jogadores brasileiros seriam, segundo os jornais cariocas, vencedores morais da partida.

demonstrando um comportamento civilizado. Aqui há um jogo de espelhos que apresentam o “dever ser” no esporte e na sociedade. Sabemos que esses ideais estão enraizados na alta cultura européia.

Não há uma descrição do “estilo nacional” brasileiro. O drible, a malícia e o craque não são destacados como a “essência” ou as virtudes do futebol brasileiro. Derrotas frequentes suscitam argumentos que pregam a disciplina e a racionalidade na preparação da equipe. Veremos que essa descrição mudará nos próximos dois confrontos realizados em 1945.

AS “ESCOLAS” EM CAMPO: CAMPEONATO SUL-AMERICANO E COPA ROCA 1945

Percorrendo mais alguns anos nos confrontos entre argentinos e brasileiros, pudemos observar o delineamento efetivo do que se convencionou chamar de “estilos” ou “escolas” de futebol. Como destacado anteriormente nas transcrições dos jornais, o futebol argentino nos anos de 1939 e 1940 era descrito como mais técnico e ofensivo. As constantes derrotas do selecionado brasileiro eram atribuídas à falta de planejamento e treinamento da equipe. A chave para competir com os argentinos era investir nas técnicas defensivas. Esse quadro narrativo torna-se explícito em 1945, no campeonato sul-americano disputado na cidade de Santiago no Chile.

“Padrões em choque na batalha argentinos e brasileiros”

[...] o êxito nestes certames depende de dois fatores principais: classe e alma. **Os argentinos com os quais nos mediremos amanhã são muito técnicos, técnicos quase em excesso, produzindo um jogo bastante vistoso pela boa articulação das suas linhas**, mas são geralmente demasiado apáticos, frios, não possuindo espírito de luta, combatividade e sangue, deixando-se dominar facilmente pela primeira impressão.

Tais fatos não ocorrem com os nossos jogadores. Eles se atiram à luta com grande e extraordinário ardor, são muito combativos e possuem verdadeiro espírito lutador. Cumpre, entretanto observar, que teremos pela frente adversários perigosos, que não têm sido poupados pela crítica do seu próprio país. **De qualquer maneira, o que se espera é que será dado ao público presente assistir a um duelo maravilhoso entre um ataque perfeito, integrado por grandes jogadores, contra uma defesa dura, enérgica, ativa, de tática positiva e científica.** (Jornal dos Sports, 15 fev. 1945, p. 1, grifos nossos)

“Maior classe ou maior fibra?”

[...] A jornada será difícil. Estamos porém preparados. **A fibra brasileira mais uma vez predominará, conforme sucedeu contra os uruguaios.** Os argentinos, além de atravessarem um período técnico satisfatório, são homens lutadores, que não se entregam sem oferecer aquele tradicional combate. (idem, p. 3, grifos nossos)

Os conceitos “*classe*” e “*alma e fibra*” são fundamentais para interpretarmos a descrição dos times. O conceito de “*classe*” parece estar vinculado ao domínio da técnica corporal que o jogo de futebol exige, a dizer: passe, drible, domínio de bola, chute etc. O conceito de “*alma*” ou “*fibra*” remete “*à flama e ao espírito de luta dos brasileiros*” ou, ainda, à “*predisposição natural para o sacrifício da própria vida*”. Em outros termos, “*alma*” e “*fibra*” referem-se ao comprometimento dos atletas em defender a nação nos embates esportivos. Segundo o **Jornal dos Sports** os argentinos têm “*classe*”; os brasileiros, “*fibra*”. Quem vencerá?

Diante desse quadro, o jornal destaca que se trata de um duelo entre o “*ataque perfeito*” do time argentino e a “*defesa dura, enérgica, ativa, de tática positiva e científica*” do

Brasil. As questões que se colocam para o analista são: por que existem essas descrições opostas sobre o “estilo nacional”? O que estava em jogo no momento da caracterização descrita anteriormente pelos periódicos cariocas? Com quem dialogavam os atores com suas imagens de identidade nacional no futebol?

O primeiro ponto fundamental é que os jornais, ao retratarem os brasileiros como jogadores de “*fibra*” e com “*alma*” remetem diretamente à idéia da internalização dos sentimentos patrióticos. No campo de futebol, os brasileiros superaram adversários mais técnicos porque “*se entregam à luta*” pela pátria. Os laços de pertencimento aparecem diante do inimigo. Lembremos que um dos objetivos do Estado Novo era a educação cívica do povo, com o objetivo de impedir “influências externas”. Nesse sentido, o futebol se apresenta como um espaço de emulação entre países que serve como analogia para o desenvolvimento da honra e do amor à pátria.

O segundo ponto-chave marca a idéia de entrada da ciência no treinamento da seleção. O que está em jogo, então, é o debate sobre qual modelo de treinamento ou produção seguir. “Se houve na prática um equilíbrio entre mudança e continuidade, a propaganda do governo, no entanto, sempre enfatizou o lado inovador e revolucionário do Estado Novo no tocante à modernização” (D’Araujo, 2000, p. 30). O passado, marcado pelo improvisado ou pela falta de tecnologia, deve dar lugar ao progresso e à modernização, marcados pela racionalidade. As descrições opostas destacadas anteriormente evidenciam o dilema ou a tensão sobre qual projeto de “Brasil” se deseja: o primeiro baseado nas potencialidades do povo e o segundo calcado na importação de métodos de trabalho.

A Copa Roca de 1945, disputada nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, marca o reencontro do time brasileiro com a vitória e o título de campeão. Dois povos, dois ritmos, dois destinos, mas com construções semelhantes em seus processos de identificações. Uma grande expectativa é gerada para o terceiro e decisivo jogo. Os jornais indagam: estamos diante da tão esperada vitória contra os argentinos ou veremos a repetição de 1939?

O Brasil vence: 3x2. Não há qualquer menção ao treinamento realizado pela equipe brasileira. Após a confirmação da vitória sobre os maiores rivais do selecionado brasileiro, os cronistas e jornalistas não apresentam a vitória como fruto do planejamento e do empenho dos brasileiros nos treinamentos. Elementos da cultura nacional, como o samba, são realçados, marcando a identidade com povo. Na coluna de Vargas Netto, intitulada “Samba Brasileiro”, lê-se:

O torcedor brasileiro lavou a alma de alegria e embandeirou em arco com a vitória sobre o selecionado argentino Há muitos anos a torcida brasileira não recebe um alegrão desse tamanho.

[...] A torcida galhofeira já disse que foi um baile dado por nós nos argentinos.

A música mais popular em Buenos Aires é o tango. É o tango que tem coleios de cobra, cheiro de vinho e mulher, que se enrosca como uma biruta na plaina de um carpinteiro, para depois espreguiçar numa ondulação oleosa de felino, como uma gatinha adolescente no peitoril da janela, não pôde entrar no ritmo das cuícas e dos tamborins do samba carioca.

A turma estava com a bossa!

[...] Os brasileiros dançaram sozinhos no salão encerado de São Januário, e os nossos irmãos argentinos ficaram de boca aberta, olhando o saracoteio.

E ganharam ... um rosário de meia dúzia de redondas nos barbantes de sua cidadela... (**Jornal dos Sports**, 22 dez. 1945, p. 1)

O estilo de jogo baseado na dança – leia-se samba – e na alegria do “*povo galhofeiro*” aparece como uma moralidade articulada ao nacional. A alegria seria uma das marcas do

“caráter” do “brasileiro”. Repare que em menos de um ano temos duas descrições divergentes do selecionado brasileiro, portanto, duas moralidades sobre o dever ser da nação. A primeira em fevereiro de 1945, durante o campeonato sul-americano, destaca a “*defesa dura, enérgica, ativa, de tática positiva e científica*” e a “*fibra*” – leia-se raça ou disposição para o sacrifício. A segunda, dez meses depois – dezembro de 1945 –, ressalta o “*ritmo do samba*” que encanta a “*torcida galhofeira*” e difere do ritmo do “*tango*”. No momento da vitória não há qualquer menção ao processo de treinamento e esforço dos atletas e o jogo de futebol alinha-se a outros elementos ou valores da cultura nacional também em construção naquele período.¹⁰ Uma corporalidade singular é realçada unindo jogo e dança; eficiência e beleza.

Os dados apresentados neste artigo evidenciam um momento especial da construção do “estilo nacional”. Isso porque ele não aparece de forma explícita nas colunas dos articulistas, mas divide espaço com uma narrativa que prega a modernização dos métodos de treinamento e gestão das equipes. Projetos de “Brasis” atravessam os debates nos confrontos futebolísticos, ora em oposição ora em conciliação.

REFERENCIAS

- ALABARCES, P. Tropicalismos y Europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina e Brasil a través del fútbol. In *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*, 2006, p. 147-164.
- ARCHETTI, E. *Masculinidades: Fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- BARTHOLO, T. L. *Na quadra e no campo: esporte e identidade nacional no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, 2005.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- D'ARAUJO, M. C. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Vol II, 1993.
- FRANZINE, F. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da historia do futebol brasileiro (1919 – 1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GUEDES, S. L. *O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- GUEDES, S. L. *De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil*. In: Gastaldo, E.; Guedes, S. L. *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*, 2006, p. 127-146.
- GUEDES, S. L. *O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.
- IANNI, O. *O pensamento social do Brasil*. Bauru SP: EDUSC, 2004.
- SALVADOR, M. S. *A Memória da Copa de 1970: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, 2005.
- SOARES, A. J. LOVISOLO, H. *Futebol: a construção histórica do estilo nacional*. *Revista brasileira de ciências do esporte*. Campinas: autores associados. V.25, n. 1, p. 129-144. 2003.
- TOLEDO, L. H. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

¹⁰ Ver Hermano Vianna (2004), “O mistério do samba”.

VIANNA, H. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

Tiago Lisboa Bartholo
Rua Viúva Lacerda, 128- apto.102
Humaitá – Cep: 22261.050

Antonio Jorge G. Soares
Rua Theodor Herzl, 56- apto. 103
Botafogo – Cep: 22260.030